

1 Introdução

Este trabalho tem como tema a utilização das conjunções concessivas visando ao ensino de Português como segunda Língua para Estrangeiros (PL2E). Como observou Monteiro (1998), diferentes conjunções concessivas comportam diferentes valores semânticos secundários ao contraste, o que representa significados também diferentes.

Nas gramáticas tradicionais (GTs) analisadas – *Gramática normativa da língua portuguesa* (Rocha Lima, 1986), *Nova gramática do português contemporâneo* (Cunha & Cintra, 1985) e *Moderna gramática portuguesa* (Bechara, 2004) -, não há uma diferenciação semântica entre essas conjunções; todas são postas em um mesmo grupo como se qualquer uma pudesse assumir o lugar da outra sem alteração de estrutura ou de sentido. Adotando a perspectiva funcionalista, pretende-se verificar quais sentidos existem além da concessão de acordo com a conjunção utilizada e como essa escolha determinará o tempo e o modo verbal que acompanharão a conjunção na oração subordinada. Assim, será apresentada a relação que existe entre a escolha da conjunção e a estrutura verbal utilizada nesse tipo de oração, além de como isso expressa a intenção do falante.

Em vista disso, a fundamentação teórica será baseada na Linguística sistêmico-funcional de Halliday, que atribui ao falante a responsabilidade das suas escolhas lexicogramaticais¹, que estão totalmente relacionadas à sua intenção. Ou seja, a gramática está a serviço do propósito comunicativo da língua; a partir dos paradigmas estruturais, o falante pode expressar diferentes significados. “A questão fundamental, na gramática funcional de Halliday, é o modo como os significados são expressos, o que coloca as formas de uma língua como meios para um fim, não como um fim em si mesmas.” (NEVES, 1997, p.73).

Outra teoria importante a este trabalho é a Gramática Funcional do Discurso (GFD), desenvolvida por Hengeveld (2004) a partir dos estudos sobre lingüística funcional. Esse tipo de gramática desenvolve uma análise voltada para

¹ Halliday chama de “lexicogramática” ao “sistema daquilo que o falante pode dizer” (GOUVEIA, 2009). Nas palavras de Halliday, “Na terminologia linguística, sintaxe é somente uma parte da gramática: gramática consiste de sintaxe e vocabulário, e também (...) morfologia. De maneira que se torne explícito o fato de a sintaxe e o vocabulário fazerem parte do mesmo nível no código, é necessário referir-se a isso compreensivelmente como ‘lexicogramática’” (HALLIDAY, 1994, xiv) (tradução nossa)

as intenções do falante ao produzir seus enunciados, levando em conta fatores contextuais para a produção e interpretação dos enunciados, caracterizando o modelo *top-down*.

Aliando essas teorias ao esquema de Monteiro (1998), será apresentada uma proposta de sistematização morfosintática e semântica dos usos das conjunções / locuções conjuntivas concessivas que facilite o ensino de PL2E tanto para os professores quanto para os alunos. É importante que os não nativos fiquem atentos aos diferentes sentidos que esses conectores podem trazer aos enunciados para que eles se aproximem ao máximo do uso argumentativo que os nativos fazem desses elementos, ainda que este uso seja inconsciente. Assim, tornar-se-ão usuários competentes de português.

1.1 Relevância

O processo de concessão é uma das estratégias argumentativas utilizadas pelo locutor para garantir a defesa de seu ponto de vista. Para que essa intenção seja realizada concretamente, é preciso que o falante saiba utilizar os elementos lexicogramaticais da língua alvo adequadamente, só assim conseguirá alcançar o objetivo de persuadir seu interlocutor.

O processo de concessão – coordenativo ou subordinativo – é um dos mecanismos que podem ser utilizados para se contestar os argumentos do outro. A concessão é um tipo de manobra capaz de persuadir o leitor, uma vez que, concordando com o adversário, se pode conciliar com ele quanto tornar mais fácil ao adversário assimilar os argumentos que são contrários a ele. (ALMEIDA & SALES, 2005)

Para conseguir convencer alguém de algo, é importante que o falante aprenda a utilizar corretamente as estruturas que estão expostas nas gramáticas. Então, faz-se necessário apresentar ao não nativo como cada conjunção concessiva contribui para a argumentação, levando-se em conta seus valores secundários e os modos e tempos verbais utilizados.

Somente com uma análise semântico-gramatical pode-se entender os significados gerados pelos diferentes elementos lexicogramaticais e, só assim, o falante não nativo de português poderá atingir um nível de compreensão da língua o mais próximo possível do falante nativo.

1.2

Hipóteses e objetivos

Com este trabalho, parte-se da hipótese de que, apesar de as gramáticas tradicionais não contemplarem de modo satisfatório os aspectos semânticos e funcionais das conjunções concessivas, elas não seriam semanticamente iguais, pois cada uma delas carrega outros valores além do contraste. Nos exemplos:

(a) Embora chova, vou à praia.

(b) Mesmo que chova, vou à praia.

embora e mesmo que são conectores concessivos, porém a locução conjuntiva mesmo que introduz uma ideia de possibilidade que não está contida em embora.

Assim, baseando-nos na teoria funcionalista de Michael Halliday, chegamos à segunda hipótese: a escolha por um ou outro conector concessivo seria influenciada por fatores considerados extralinguísticos, como a situação e o propósito comunicativo. Segundo Neves (1997, p.49), a gramática sistêmica é baseada nas escolhas que o falante faz quando compõe um enunciado para um propósito específico; “diz respeito às escolhas reais no uso da língua, feitas por falantes reais em contextos sociais reais de comunicação.”

Para que essas hipóteses possam ser comprovadas, verificaremos o emprego dos conectivos concessivos pelos falantes nativos de Português do Brasil (PB), tendo como objetivos específicos: a) sistematizar o uso das conjunções concessivas com seus respectivos tempos e modos verbais e b) oferecer aos falantes não nativos de português uma amostra dos possíveis sentidos que esses conectores podem ter.

1.3

Organização do trabalho

Além da introdução, este trabalho possui mais cinco capítulos. O segundo capítulo contará com uma abordagem de diferentes perspectivas: primeiramente, será apresentada a visão das gramáticas tradicionais; posteriormente, uma gramática voltada a aprendizes não nativos e, por fim, alguns trabalhos baseados no uso da língua, como o de Monteiro (1998), o de Moura Neves (2000), o de Mira Mateus et alii (2003) e o de Azeredo (2008). Em seguida, serão apresentados

os conceitos teóricos que fundamentarão esta pesquisa, além dos aspectos metodológicos que perpassam essa análise.

Assim, o quarto capítulo constituirá do estudo sobre o *corpus* selecionado, acompanhado da sistematização morfossintática e semântica; o quinto capítulo contará com as considerações finais. As referências aparecerão no sexto e, ao final, estarão os anexos.